



Recebido em: 18/01/2016

Aceito em: 25/02/2016

**Do mal à Satanás  
From evil to Satan**

Felinto Pessôa de Faria Neto (Mestrando/PPGArq – MN/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/4522187701788415>

Rafael Lazarini de Lima (Pesquisador/ Teologia – FABAT)

<http://lattes.cnpq.br/3380882689706657>

**Resumo:**

Ao estudarmos o mal em um ambiente judaico e judaico-cristão, cabe analisar como ocorreu seu processo de construção histórica e de sentido. Para tanto, determinados elementos precisam ser compreendidos, tais como: entender o mal num cenário monoteísta, onde tudo provém de Deus (inclusive o mal); o que os judeus assimilaram de outros povos (interações culturais) que possibilitou um ressignificado religioso sobre o mal – cabe destacar as influências persas. Por fim, como o Segundo Testamento formula uma base teórica sobre o mal.

**Palavras-Chave:** mal, Satanás, monoteísmo, interações culturais.

**Abstract:**

As we study the concept of evil in a Jewish or Judeo-Christian environment, it is fitting to analyze how the process of historical construction and meaning occurred. To this end, one must comprehend certain elements, such as: to understand evil in a monotheistic scenario where everything comes from God (even evil); what the Jews assimilated from other peoples (cultural interactions) which allowed a religious redefinition of evil. It is especially important to note Persian and Babylonian influences. Finally, how does the Second Testament present evil.

**Keywords:** evil, Satan, monotheism, cultural interactions.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir de uma realidade econômica, política, social, cultural e religiosa que os autores bíblicos estabeleceram elementos para compreensão daquilo que narravam. Seus escritos estavam inseridos em contextos específicos, que dialogavam com as necessidades e demandas de seu tempo. Por isso, ao se analisar os textos bíblicos precisa-se de um acurado estudo histórico e teológico para estabelecer critérios de interpretação.

Ainda, buscar uma interpretação imparcial, sem que haja a necessidade de legitimar o dogma ou tradição eclesial.

Dessa forma conduziremos esse artigo, analisando a construção do mal e a personificação de Satanás. Buscado os lastros históricos e o processo de construção de sentido acerca do mal. Para esse estudo cabe destacar as interações culturais que Israel e Palestina tiveram com outros povos, o que viabilizou a incorporação e ressignificação de elementos culturais, que foram extremamente importantes para a construção religiosa dos judeus.

## 2. O MAL NO PRIMEIRO TESTAMENTO

A representação do mal na Bíblia hebraica está associada ao universo simbólico-mítico e na realidade social de Israel. Ele nos informa que, as imagens “*são fruto de uma grande mistura cultural, com influências da magia, da religiosidade popular, do ritualismo apotropaico oficial, do simbolismo poético*” (SCHIAVO, 2000, p.67).

A teologia do Primeiro Testamento é marcada pelo monoteísmo, deixando claro que todos os poderes e todo querer emanam de Javé. Sendo assim, não há possibilidade da manifestação de outras divindades. Se tudo advém de Javé, ele assume as feições demoníacas, assim como se fundem em Javé os limites entre os seres celestiais e demoníacos (FOHRER, 2006, p.228).

No Primeiro Testamento em Javé centraliza-se a justiça e poder, ele controla as relações de poder e dinâmicas sociais. A justiça de Deus estava atrelada a experiência da justiça no processo social. Nesse imaginário social, o mal era uma das questões cruciais na teodiceia do Primeiro Testamento.

Desse modo, teodiceia era uma prática da crítica social dos sistemas sociais que atuavam ou não atuavam humanamente e os deuses que patrocinavam e garantiam sistemas justos ou injustos. Um Deus era conhecido pelo sistema que sancionava (SALGADO).

O judaísmo firma-se como religião monoteísta, nesse sentido, em Javé os seres celestiais e demoníacos fundiram-se (FOHRER, 2006, p.228). Se em Javé está

centralizado todo o poder, sua teodiceia, eminentemente, assume dinâmicas sociais. Ela explicaria todas as desigualdades e as relações de poder, desta forma, legitimava o ordenamento do *status quo*.

A condição social era atrelada ao querer de Deus. Em Deus e a partir de Deus todas as coisas acontecem. Na teodiceia se estabelece um acordo entre os oprimidos e opressores. Essa interpretação gera uma polarização, que resulta sofrimento para um grupo e felicidade para outro (BERGER, 1985, *passim*).

### **3. A CONCEPÇÃO DO MAL MESOPOTÂMICO<sup>1</sup>**

Em 612 a.E.C.<sup>2</sup> os babilônicos sob a liderança de Nabospolossar destruíram Nínive e conquistaram os assírios. O reino do Sul, Judá foi conquistado em 605 a.E.C., pelos babilônicos sob liderança de Nabucodonozor. Famílias reais e líderes religiosos foram cativos para a Babilônia. Houve duas rebeliões, em 597 e 587 a.E.C., ambas sem êxito. Com a destruição do Templo de Jerusalém, grande parte da população é deportada para Babilônia.

No exílio, os judeus passam a ter contato com novas ideias, tais como: definições dualistas e concepções sobre o mal e ideias acerca de anjos e demônios. Para o autor Luigi Schiavo a mudança da cosmologia é fruto deste período:

No pós-exílio muda o conceito de mal: o contato com os grandes impérios mesopotâmicos, a organização piramidal de sua corte, seu fasto, sua religião cósmico-astral, seus mitos, etc., impressionaram bastante os olhos dos judeus que para lá foram deportados. Deus é imaginado dentro de um panteão, em companhia de muitos seres divinos; e "jogado" sempre mais pra cima, para o céu, longe da humanidade. E quanto mais distante, mais poderoso. O homem se torna pequeno diante de tanta magnitude: não é mais livre, responsável pelos seus atos, mas dependente de uma lei e de seres superiores. Tudo está determinado – e também o mal – personificado num ser vivo – Satanás – que desenvolve papéis de acusador e espião dos homens, chegando a induzi-los ao pecado, até ser considerado o adversário e o inimigo de Deus. Os destinos da humanidade sempre mais dependem do céu (SCHIAVO, 2000, p.72).

A partir desse pensamento podemos dizer que a mitologia persa exerceu uma influência considerável no modo de pensar o mal nas religiões antigas. Os persas possuíam suas escrituras sagradas chamadas de Avesta ou Zend-Avesta.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> A palavra mesopotâmia tem origem grega e significa "terra entre rios". Essa região localiza-se entre os rios Tigre e Eufrates no Oriente Médio, onde atualmente é o Iraque. Esta civilização é considerada uma das mais antigas da história.

<sup>2</sup> Refere-se à antes da Era comum. Termo similar a Antes de Cristo (a.C.) A preferência em se utilizar a.E.C. é para não recorrer uma linguagem religiosa para datar a história. De igual forma serve para d.E.C (depois da Era Comum) = d.C. (depois de Cristo).

<sup>3</sup> O Zend-Avesta, mal comparando, seria como a Bíblia – livro religioso. É o livro sagrado das orações, dos hinos, dos rituais, das instruções, da prática e da lei.

Estes escritos possuem "apenas um quarto do original, e mesmo esta parte recebeu uma forma escrita apenas nos séculos V ou VI d.E.C., até então, sua preservação dependeu quase totalmente da transmissão oral, de uma geração a outra, nas escolas sacerdotais" (COHN, 2001, p.112).

Zoroastro tornou-se mais conhecido pela forma grega do nome "Zaratustra", é tido como reformador da religião que considera toda existência como um plano divino gradativo. A época que viveu é duvidosa, a única certeza seria que seu sistema de religião foi dominante na Ásia Ocidental a partir de Ciro (550 a.E.C.) até a conquista da persa por Alexandre o Magno.

A crença de Zoroastro apresenta duas forças opostas atuando no universo - uma do bem a outra do mal. Em seus hinos era nítido o dualismo, porque ele diz:

Eu falarei dos dois espíritos.  
De quem o mais santo disse ao destruidor no começo da existência:  
Nossos pensamentos, nem nossas doutrinas, nem as forças de nossas mentes, Nossas escolhas, nem nossas palavras, nem nossas ações, Nem nossas consciências, nem nossas almas concordam (LAZARINI NETO, 2006, p.26)

O Avesta inclui dezessete hinos composto pelo próprio Zoroastro, os Gathas.<sup>4</sup> "Parece que a mitologia original da Pérsia teria sido do tipo da que existia na Índia ariana, cerca de mil anos a.E.C. – a mitologia dos Hinos Védicos" (LAMAS, 1973, p.24).

Os ensinamentos do zoroastrismo:

Zoroastro ensinava a existência de um ser supremo, que criou dois outros seres poderosos e dividiu com eles sua própria natureza até o ponto que lhe pareceu conveniente. Desses dois, Ormuzd (chamado pelos gregos Oromasdes) permaneceu fiel ao seu criador e foi considerado a fonte de todo bem, ao passo que Ariman (Arimanes) rebelou-se e tornou-se o autor de todo o mal que há na Terra. Ormuzd criou o homem e deu-lhe todos os recursos para ser feliz, mas Ariman frustrou essa felicidade, introduzindo o mal do mundo e criando as feras, plantas e répteis venenosos. Em consequência disso, o mal e o bem se misturaram em todas as partes do mundo, e os seguidores do bem e do mal – os adeptos de Ormuzd e Ariman – passaram a travar uma incessante guerra. Esse estado de coisas, porém, não durará para sempre. Chegará a ocasião em que os adeptos de Ormuzd serão vitoriosos e Ariman e seus sequizes serão condenados às trevas eternas (BULFINCH, 1999, p.369).

---

<sup>4</sup> Os Gathas são cânticos da religião fundada por Zoroastro.

Ahura-Mazda (Ormuzd)<sup>5</sup> aquele que rege as forças do bem. Ele era, é e será, ou seja, ele é eterno, porém não é onipotente, pois é limitado por seu arqui-inimigo, o Espírito Mau Ariman. No imaginário persa, influenciado pelo Zoroastrismo, Ahura-Mazda é totalmente perfeito e não havia nenhuma associação com o mal. Por esse motivo não é de se estranhar que o Deus do Primeiro Testamento é visto como mau, pois ele permite que sua criação sofra, ao ponto de seu filho Jesus, no Segundo Testamento, morrer em uma cruz.

Na concepção persa haviam "aspectos" ou seres de Deus que ele mesmo havia criado. Existe um ser intermediário chamado "Spenta Mainyu" ou "Espírito Santo", representante de Ahura-Mazda, apesar de não serem separados. Segundo Hinnells, na concepção de Zoroastro, esse Espírito generoso ou criativo "*pertence só a Deus, mas os outros aspectos são facetas de Deus que o homem pode compartilhar: eles são os meios pelos quais Deus chega ao homem e aproximações do homem a Deus*" (LAZARINI NETO, 2006, p.28).

Haviam outros seis seres conhecidos como "Santos Imortais" (Amesha Spentas), auxiliadores do poderoso Ahura-Mazda como: Vohu Manah era uma dessas figuras divinas imaginárias, a Boa Mente ou "Bom Pensamento" (COHN, 2001, p.117); Asha, a Verdade, "*mais bela dos imortais, representa não apenas a oposição à mentira, mas também a lei divina e a ordem moral no mundo*" (LAZARINI NETO, 2006, p.28); Kshathra Vairyā, o "Dominio", é o imortal mais abstrato. "*Ele é a personificação da vontade, majestade, domínio e poder de Deus*" (Idem). Protetor dos metais; Armaiti, seria a Devoção, seria a personificação da fidelidade. Protetora da terra; Haurvatat e Ameretat, Integridade e Imortalidade. "*Considerando que estes dois seres femininos sempre são mencionados juntos nos textos, eles são lidados em conjunto*"(Idem). Sraosha, Obediência ou Disciplina, "*Como o ritual do Zoroastrismo é uma força potente que destrói o mal, assim Sraosha é descrito como um guerreiro em armadura, o melhor combatente da Mentira*" (Ibidem, p.29).

Segundo Conh essas representações nomeadas como: "Santos Imortais" são subordinadas a Ahura-Mazda e atuam apenas de acordo com a sua vontade (2001, p.117). Devemos ressaltar que essas figuras imaginárias teriam participações na ordenação do mundo criado.

---

<sup>5</sup> Usarei o termo Ahura-Mazda ao invés de Ormuzd como BULFINCH, pois Ahura-Mazda seria mais utilizado pela grande parte dos teóricos.

Apesar dos textos persas terem uma clareza na descrição do mundo demoníaco e, deixa seu leitor sem dúvidas diante dessa natureza, não chegam perto da clareza descrita pelo mundo divino<sup>6</sup>, ou seja, o mundo divino possui melhor descrição e detalhamento do que o mundo demoníaco. *Angra Mainyu*, ou *Ahriman* como seu nome aparece no dialeto Medo-Persa, é o líder de hostes demoníacas. "Ele é demônio de demônios e mora em um abismo de trevas infinitas no norte, a casa tradicional dos demônios" (LAZARINI NETO, 2006, p.54). Ahriman antes de ser "espírito mal", teria sido um deus subterrâneo. Lamas apresenta descobertas encontradas em templos mitríacos, que eram em grutas ou cavernas – dedicatórias ao Deo Arimanio (1973, p. 143). "Isso se aproxima consideravelmente da crença hebraica de que Satanás antes fora um querubim da guarda celestial, perfeito e formoso" (cf. Ez 28.12-19; Is 14.12-15) (LAZARINI NETO, 2006, p.29).

O representante do mal, Angra Mainyu, tinha um exército numeroso ao seu favor, que tinha como ideal destruir o mundo "bom" criado por Ahura-Mazda.

Tudo o que prejudicasse o gado ou destruísse as colheitas era personificado como um demônio. [...]. As regiões inóspitas além dos limites das terras ocupadas e das pastagens eram lugares temidos, nos quais não se entrava sem risco de vida. Nas trevas noturnas também proliferavam demônios (COHN, 2001, p.127).

Também, toda tendência dos seres humanos que levasse à transgressão de alguma ordem – como a ira, a inveja e a preguiça – era vista como demoníaco. Atuação demoníaca poderia ser qualquer tipo degradação no corpo humano como; doença; fome; sede e até mesmo a velhice. A morte era encarada como um triunfo demoníaco.

Um grupo importante de demônios eram conhecidos como Daevas.<sup>7</sup> Tradicionalmente este termo era aplicado a todos seres divinos, sem distinção, entretanto, os adeptos ao zoroastrismo os referenciava como Santos Imortais negativos. Em um livro dentro do Avesta conhecido como Vendidad,<sup>8</sup> menciona os demônios mais poderosos e sinistros: Indra, Saurva, Nanghaithya, Taurvi e Zairi. Entre alguns estudiosos há certo desacordo, mas Norman Cohn em seu estudo sobre o Vendidad diz: "aparecem no exorcismo que acompanha a

<sup>6</sup> Entende-se divino e mundo divino, tudo aquilo que não é profano.

<sup>7</sup> Daeva (daēuua, daāua, Daeva) em Avestan, linguagem que significa "um ser de luz brilhante", é um termo para um determinado tipo de entidade sobrenatural com características desagradáveis. Equivalentes em línguas iranianas, incluem Pashto de orvalho (Uber fantasma, demônio gigante), Baluchi de orvalho (gigante, monstro), em persa (um demônio, um ogro, um gigante), curdo de orvalho (gigante, monstro).

<sup>8</sup> A origem da palavra Vendidad encontra-se em *Vi-daevo-dato*, "lei contra os demônios".

*limpeza ritual de uma pessoa contaminada, por exemplo, pelo contato com um cadáver*” (2001, p. 129).

Segundo Cohn, o demônio que conduz o homem para anarquia e embriaguez é Saurva. Taurvi e Zairi seriam os responsáveis pela seca e fome, pois introduziam veneno nas plantas e animais. Naghaithya seria o demônio da morte. “*Os grandes daevas eram as personificações supremas das forças do caos, menos destrutivas e fatais apenas do que seu criador e comandante, o próprio Angra Mainyu ou, como veio a ser chamado, Ahriman*” (*Ibidem*, p.30). Esse pensamento zoroástrico em relação ao mal foi compartilhado com outras culturas e ressignificado posteriormente por outras.

Aeshma é o demônio da fúria, ira e afronta, a personificação da brutalidade, sua função é causar discórdia para gerar guerra. Sua atuação é combatida por Sraosha, a personificação da obediência e devoção religiosa, a força que libertará o mundo da ira. A mentira e a decepção seriam personificadas em Angra Mainyu ou para uma classe de demônios, o mais notável seria Azhi Dahaka, seu imaginário seria um ser com três cabeças, seis olhos e três mandíbulas, em forma de retrato utilizaram mais cores para diferenciá-lo da maioria dos demônios (LAZARINI NETO, 2006, p. 54).

O caráter total do mal, então, é negativo: seus objetivos são destruir, corromper e deformar. Seu grande trabalho é trazer sofrimento e morte, a corrupção e aparente destruição da principal criação de Deus, o homem. Tudo o que é horrível no homem e no mundo, o mal físico e moral, é o trabalho de *Ahriman*. Os Zoroastrianos não têm o problema teológico do mal no mundo que a maioria das religiões monoteístas tem que lutar, isto é, por que Deus permite sofrimento. A resposta dos Zoroastrianos é: ele não permite. O mal é um fato que Deus não pode atualmente controlar, mas um dia ele será vitorioso. A História é a cena da batalha entre duas forças (*Ibidem*, p.56).

Os persas acreditavam em um mundo “bom” de Ahura-Mazda quer será purificado de todo “mal” introduzido por Ahriman. Quando isso acontecer, “*a própria aparência do mundo mudará. A terra será achataada por uma inundação abrasadora, de modo que sua superfície se tornará uma única planície nivelada*” (COHN, 2001, p. 136). Então será um local perfeito e toda humanidade viverá em harmonia, pois Ahriman e seus comandados serão condenados às trevas eternamente.

A religião persa era baseada em prática, não haviam templos, nem altares ou imagens, seus sacrifícios eram feitos em montanhas. Eram adoradores do sol e do fogo, que são emblemas de Ahura-Mazda, sendo a fonte de toda luz e pureza. As autoridades religiosas eram conhecidas como magos.

*"Os conhecimentos dos magos relacionavam-se com a astrologia e os encantamentos, em que se tornaram tão célebres, que seu nome passou a se aplicar a toda sorte de mágicos e feiticeiros"* (BULFINCH, 1999, p. 370).

#### **4. DEMONOLOGIA JUDAICA E PERSA: PONTOS DE CONTATO**

Os judeus interagiram com várias culturas, tais como egípcios<sup>9</sup>, babilônicos, romanos<sup>10</sup>, gregos<sup>11</sup>, porém, ao referir os sobre a demonologia e o mal, os persas possuem enorme contribuição teórica e cultural.

A religião persa foi de grande importância e influência no judaísmo e cristianismo. O rei Ciro II dominou a Babilônia e por extensão passou a ter domínios sobre os judeus. O rei Ciro II era defensor da religião zoroástrica permitiu que os judeus reconstruíssem sua religião, já que no Exílio Babilônico não havia essa abertura.

A religião hebraica preservava a concepção de um Deus único, responsável pelo bem e pelo mal, já para o zoroastrismo, não há sentido um Deus bom ser capaz de fazer coisas ruins.

O convívio entre judeus e persas promove pontos de contatos, ou seja, interações entre essas culturas, propiciando uma reformulação de certos dogmas religiosos judaicos, a saber, inicia-se a demonologia hebraica mediante aspectos do zoroastrismo persa.

O primeiro aspecto seria a existência de um ser distinto de Javé, que seria responsável pelo mal.

A partir deste choque de concepções nasce a necessidade de explicar a fonte do mal, desse momento em diante entra no palco da religião judaica uma nova personagem, Satanás.

Essa mudança na concepção sobre autoria do mal pode ser exemplificada com os textos de *"A ira do Senhor tornou a acender-se contra Israel, e o Senhor incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, numera a Israel e a Judá"* (2 Sm 24.1). <sup>12</sup> *"Então Satanás se levantou contra Israel, e incitou Davi a numerar Israel"* (1 Cr 21.1). Os textos apresentados relatam a ordem do rei Davi para realizar um censo com finalidade de estabelecer um sistema

---

<sup>9</sup> Destacasse a literatura sapiencial egípcia, que influenciou os livros sapiências judaicos.

<sup>10</sup> O contexto do Segundo Testamento está imerso no imperialismo romano, ao ponto de fazer da Judeia/palestina uma extensão de sua dominação.

<sup>11</sup> Não apenas pela imposição política ou larga utilização da língua, mas os judeus assimilaram muitos pensamentos filosóficos gregos.

<sup>12</sup> Todas as referências bíblicas são referentes a obra: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Esperança**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

tributário. Entretanto, sua atitude foi desagradável aos olhos de Javé, o que trouxe consequências ruins ao povo.

O texto de (2 Sm 24.1) apresenta Javé por trás de sua ação, mesmo sendo maléfica. Posteriormente, cerca de quatrocentos e cinquenta anos, o mesmo relato registrado no Primeiro livro de Crônicas (1 Cr 21.1), a personagem responsável pela ação má praticada pelo rei Davi é Satanás.

Elaine Pagels sugere um pensamento duvidoso no cronista: "*Porque teria Davi cometido [...] um ato mau, agressivo, contra Israel?*" (1966, p.70). A teologia hebraica não aceitava mais essa concepção, um Deus bom que praticava o mal também, então:

Não podendo negar que a ordem condenável partira do rei, mas querendo condenar o ato de Davi sem atingir diretamente a pessoa do rei, o autor de 1 Crônicas sugere que um adversário sobrenatural na corte divina conseguira infiltrar-se na casa real e levar o rei ao pecado: Então Satanás se levantou contra Israel, e incitou Davi a levantar o censo de Israel (1 Crônicas 21:1) [...] Neste caso, o satanás é invocado para explicar a dissensão e a destruição que a ordem de Davi provocara em Israel (*Idem*).

Outra influência seria a existência de uma disputa que transcende os limites físicos, chegando aos lugares celestiais. Se no Zoroastrismo, Ahura-Mazda e Angra Mainyu são cercados por seus exércitos, que estão em constante combate; a religião judaica logo trabalhou essa concepção de Satanás em combate com os representantes de Javé.

O livro do profeta Zacarias descreve um combate entre Satanás e o sumo sacerdote Josué: "*Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor*" (Zc 3.1). O texto não deixa claro qual era a questão do combate, mas Schiavo sugere:

[...] estejamos diante do conflito de posse da terra, na época em que os exilados voltaram para Judá. Satanás representaria os habitantes do campo, que não viram com bons olhos a volta dos exilados, exigindo a devolução dos antigos privilégios e, sobretudo, a devolução das terras, enquanto Zacarias estaria defendendo os exilados (2000, p. 72).

Interpretação de Elaine Pagels que acrescenta:

As palavras dele [Zacarias] refletiam conflitos que surgiram em Israel depois que milhares de judeus, capturados pelos babilônicos na guerra (c. 687 a.E.C.) e exilados para a Babilônia – muitos deles influentes e cultos –, voltaram para a Palestina. Ciro, rei da Pérsia, tendo conquistado pouco antes a Babilônia, não só permitiu que os exilados judeus voltassem para casa, como ofereceu-lhes recursos para reconstruir as muralhas defensivas da cidade de Jerusalém e para refazer o grande Templo, que os babilônios haviam destruído [...] muitos dos que tinham permanecido na terra viam os antigos exilados não como

agentes do rei persa, mas como resolvidos a recuperar o poder e a terra (1966, p.70-71).

O profeta interpreta a recepção nada calorosa dos que permaneceram na terra, como uma incitação da parte de Satanás na formação de facções entre o povo.

Fica notório que:

O papel de Satanás começa a mudar: de agente e mensageiro de Deus, como no começo, se transforma em adversário de Deus. O adversário humano vai se transformando em inimigo de Deus. O mal transcende o humano, para se propor como uma entidade autônoma, contraposta a Deus (*Idem*).

Satanás não é mais um servo obediente e controlado por Javé, antes, age independente, mesmo que para o judeu, Javé é controlador de toda situação.

Por fim, mais uma semelhança entre o Zoroastrismo e a religião judaico-cristã seria a concepção que tanto Angra Mainyu quanto Satanás, anteriormente tiveram uma boa procedência.

Angra Mainyu tornou-se um espírito mal por "opção" já que no início, os espíritos gêmeos apresentam sua natureza, que incluía o bem e o mal, mas o espírito mal optou pela prática do mal, já o espírito do bem optou pela retidão instalada nos céus.

Satanás não foi diferente, pois segundo a crença, Satanás foi criado como um querubim descrito pelo profeta Ezequiel:

Estiveste no Éden, jardim de Deus; cobrias-te de toda pedra preciosa: a cornalina, o topázio, o ônix, a crisólita, o berilo, o jaspe, a safira, a granada, a esmeralda e o ouro. Em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Eu te coloquei com o querubim da guarda; estiveste sobre o monte santo de Deus; andaste no meio das pedras afogueadas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que em ti se achou iniqüidade. Pela abundância do teu comércio o teu coração se encheu de violência, e pecaste; pelo que te lancei, profanado, fora do monte de Deus, e o querubim da guarda te expulsou do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei; diante dos reis te pus, para que te contemplam (Ez 28. 13-17).

Angra Mainyu e Satanás em ambos os casos optaram pela natureza do mal, independente do Deus bom, assim se tornam responsáveis por todos os males do mundo.

## 5. DOMÍNIO GREGO E A REVOLTA DOS MACABEUS

Em 336 a.E.C., Felipe II da Macedônia foi assassinado quando planejava invadir os persas. Seu filho, Alexandre III da Macedônia <sup>13</sup>, sucedeu-o aos 20 anos de idade. Ele unificou toda Macedônia e a Grécia, em 334 a.E.C., atravessou o Helesponto <sup>14</sup>, com intuito de libertar as colônias gregas da Ásia Menor. Alexandre derrotou três grandes generais de Dario III com apenas 35.000 homens, em Granico. No mesmo ano, após passar uma noite sem dormir diz ter tido uma visão de um ancião, o mesmo o aconselhava para continuar a sua luta contra os persas. No ano seguinte, em 333 a.E.C., Alexandre derrotou um grande exército em Issus. Somente posterior essa grande vitória Alexandre se pôs a sonhar a conquistar o mundo (HALE, 1983, p.10).

Alexandre atravessa os montes de Tauros e derruba distrito a distrito. "Josefo tem uma interessante história do encontro de Alexandre com Jadua. Alexandre disse que Jadua era o homem do sonho. Por esta razão, os judeus foram tratados com respeito e obtiveram muitas das mesmas vantagens dos gregos" (Idem). Foi Alexandre que autorizou Manassés construir o Templo no monte Gerizim, porque sua política era de ser amigo dos conquistados.

Após a conquista do Egito, Alexandre parte para o leste ao encontro de Dario III. Em Guagámelas, em 331 a.E.C., finalmente Alexandre derrota o exército inteiro persa e Dario III foi morto.<sup>15</sup> Alexandre obstinado em conquistar o mundo quis ir mais ao leste, mas seus generais se recusaram em cruzar o rio Indo. Sendo assim, Alexandre se estabelece na Babilônia e organizou o seu império em satrápias. Cada uma destas era uma colônia de gregos, constituídas por seus soldados. Alexandre com esse tipo de colonização e inter-relação com os nativos, usa a cultura e a língua como meio de domínio.

Alexandre morreu em 323 a.E.C., com apenas 32 anos. O Grande não foi apenas um gênio militar, mas deixou marcas profundas na história por sua qualidade de estadista. Ele é o responsável pela fusão do Ocidente com Oriente. A cultura grega quebrou as barreiras raciais, sociais e nacionais. Sua colaboração na civilização mundial é de tal grandeza que se torna imaginável.

<sup>13</sup> Era conhecido como: o Grande ou Magno.

<sup>14</sup> Helesponto (província romana) é um estreito no noroeste da Turquia ligando o mar Egeu ao mar de Mármara.

<sup>15</sup> Supostamente Dario III foi morto por um de seus homens.

No território de Judá, com esse idealismo de Alexandre de “*formar um só povo*” (1 Mac 1.41)<sup>16</sup>, o ápice desse idealismo se deu com Antíoco IV Epífanés, esse impôs aos judeus as práticas pagãs. Elaine Pagels descreve tais práticas:

Em primeiro lugar, declarou ilegal a circuncisão, bem como o estudo e a observância da Tora. Depois, invadiu o Templo de Jerusalém e profanou-o, ao reconsagrá-lo ao deus olímpico Zeus, dos gregos. A fim de impor a submissão ao novo regime, construiu e guarneceu uma maciça fortaleza a cavaleiro do próprio Templo de Jerusalém (1996, p. 72)

Diante dessa situação surge uma divisão entre os judeus acerca dessa imposição de Antíoco IV Epífanés, judeus da classe mais abastada eram influenciados pelas atitudes helênicas e não questionaram a imposição, já a maioria do povo não aceitava e ficaram inconformados com aceitação da elite.

O Primeiro livro dos Macabeus conta que um sacerdote chamando Matatias, se recusa a realizar sacrifícios pagãos, para piorar tal recusa, mata o oficial que lhe trazia tal ordem (cf. 1 Mac 2.23-28). Diante do episódio surgiu uma resistência armada, conhecida como Revolta dos Macabeus. Luigi Schiavo afirma que a partir desse episódio surgem as facções entre os judeus.

A partir deste momento, a sociedade judaica se fragmentou: brigas e intrigas pelo poder, pelo exercício do sacerdócio e pela interpretação da lei estão na origem do surgimento das diferentes facções e grupos: fariseus, asmoneus, essênios, saduceus, etc. Nesta conjuntura extremamente conflitiva interpretou-se a realidade como uma grande batalha cósmica, onde estavam contrapostas, de um lado as forças de Deus com seus anjos (a comunidade judaica que permaneceu fiel); e do outro, Satanás com seus exércitos (os estrangeiros helenistas e seus aliados judeus) (2000, p.73).

O quadro social e religioso do povo judeu neste período é marcado pela formação dessas facções. Foi um tempo onde existe uma ruptura entre elite e a massa, favorecendo o irracional e o místico, gerando um sincretismo religioso, tempo de abertura para outras crenças.

No mesmo tempo há uma crescente concentração dos estudos da Torá, de outro lado as concepções apocalípticas e esoterismo místico ou messiânicas na busca ferrenha de santificação e observância da lei, de forma demasiadamente radical. Essas correntes influenciaram diferentes grupos como fariseus e essênios, como também movimentos menores de revoltas ou resistência revolucionário-social e movimentos carismático-ascéticos ou messiânico-proféticos.

---

<sup>16</sup> O Livro dos Macabeus é uma fonte valiosa para a compreensão do contexto histórico desse período. Excluído do cânon protestante, pode ser encontrado nas Bíblias de linha católica.

Diante desse quadro, a literatura apocalíptica se desenvolve rapidamente, pois esse período era um solo extremamente fértil para tal literatura. O mal era cada vez mais personificado. Elaine Pagels ressalta a transformação ocorrida nesta época:

Mais radicais do que seus predecessores, esses dissidentes passaram a invocar a toda hora o satanás para descrever seus adversários judeus. No processo, transformaram esse anjo desagradável em uma figura muito mais importante – e muito mais maligna. Deixava de ser um dos servos fiéis de Deus e começava a tornar-se o que é para [o Evangelho de] Marcos e para a cristandade posterior – o adversário de Deus, seu inimigo, até mesmo seu rival (1996, p.75).

Nesse período algumas literaturas eram produzidas a fim de acusar seus inimigos, Elaine Pagels faz um apontamento sobre essa prática: "*aproveitaram também histórias, ou escreveram histórias próprias, contando como essas potências angélicas, inchadas de luxúria ou arrogância, decaíram do céu para o pecado*" (*Idem*). Literaturas como Livro dos Jubileus, O Primeiro Livro de Enoc e Os Doze Patriarcas seria um exemplo de tais práticas.

## 6. A CONCEPÇÃO DO MAL NO SEGUNDO TESTAMENTO

No Segundo Testamento, Jesus, discípulos, seguidores e testemunhas narram à presença de um opositor, Satanás. O mal é marcadamente desvinculado de Javé e personalizado como aquele que promove uma ruptura com Deus.

Na Judeia e Palestina, no contexto de Jesus, havia uma crescente manifestação do demoníaco. Satanás e sua legião de demônios estavam numa guerra cósmica com Jesus e seus seguidores. Esse cenário é marcado por expressões e imagens apocalípticas; demonstram perspectivas em oposição formando um dualismo, entre o bem e o mal, Jesus e Satanás.

Jesus é apresentado como fazedor de milagres, que possui autoridade divina (CROSSAN, 1994, p.78). Nos evangelhos, cada um em construir sua cristologia, ou seja, narrar uma história acerca do Cristo, descrevem episódios sobre a autoridade de Jesus.

Cabe destacar: transformou água em vinho (Jo 2:1-11); curou o filho de um funcionário público (Jo 4:46-54); curou um paralítico no poço (Jo 5:1-9); curou um cego de nascimento (Jo 9:1-41); alimentou 5.000 pessoas com 5 pães e 2 peixes (Jo 6:5-13); ressuscitou Lázaro da morte (Jo 11:1-44); expulsou um homem dominado por demônio (Lc 4:33-35); curou a sogra de Pedro (Lc 4:38-39); curou

um leproso (Lc 5:12-13); curou um paralítico descido pelo telhado (Lc 5:17-25); curou o homem de mão aleijada (Lc 6:6-10); curou o empregado de um oficial romano (Lc 7:1-10); ressuscitou o filho da viúva de Naim (Lc 7:11-15); acalmou uma tempestade (Lc 8:22-25); curou o homem dominado por legião de demônios (Lc 8:27-35); curou a filha de Jairo (Lc 8:41-56); curou um menino endemoninhado (Lc 9:38-43); curou o homem com as pernas e braços inchados (Lc 14:1-6); curou 10 leprosos (Lc 17:11-19); curou um mendigo cego (Lc 18:35-43); previu a negação de Pedro (Lc 22:31-34); sarou a orelha cortada do empregado do Sumo Sacerdote (Lc 22:50-51); curou dois cegos (Mt 9:27-31); tirou uma moeda da boca dum peixe (Mt 17:24-27); curou a filha endemoninhada da mulher Cananeia (Mt 15:21-28); secou uma figueira infrutífera (Mt 21:18-22); curou um surdo-gago (Mc 7:31-37).

Satanás também tem seus poderes; o próprio Jesus testificou da existência de Satanás, pois, pessoalmente foi tentado pelo Diabo (Mt 4:1-11); e não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz (2 Co 11:14); a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira (2 Ts 2:29); e disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu (Lc 10:18); não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do Diabo (1 Tm 3:6); disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? (At 5:3).

Jesus e Satanás formam esse binômio opositivo. Esse dualismo gera uma guerra cósmica entre o bem e o mal. No Evangelho de João, o autor relata “*o princípio deste mundo já está julgado*” (16:11), há uma plena convicção de quem vencerá essa guerra. O Segundo Testamento cria a tensão, ao mesmo tempo em que a relativiza, antecipando o fim do mal.

Segundo Pagels “*os autores dos evangelhos compreenderam que a história que tinham que contar pouco sentido faria sem Satanás*” (1996, p.34). Essa afirmativa carrega uma proposta de interpretação teológica, que Satanás é uma personagem criada, como antagonista de Jesus, que personifica o mal. Desta forma, Satanás é uma construção, que encena, juntamente com Jesus, o drama de um conflito cósmico.

Ainda que não seja *histórico*, ele (Satanás) se torna histórico pela tradição, pois gera história e significação. Para uma perspectiva teológica literal, Satanás é entendido como a literalidade da narrativa.

## **7. JESUS, JUDEUS VERSUS ROMA**

No tempo de Jesus a Judeia não era governada pelos sumos sacerdotes do Templo, mas pelo sucessor de Herodes, seu filho Antípaso (simpatizante aos romanos), desta forma, a Judeia era *facilmente* subserviente do Império Romano. Nessa época/contexto os povos da palestina constituíam uma sociedade complexa, repleta de conflitos políticos; e dentro dessa realidade o Império Romano não era benigno e favorável ao desenvolvimento de um novo movimento religioso, ou seja, o cristianismo.

Jesus reagiu à ordem imperial romana, pois esse imperialismo causava profunda desordem para a vida dos judeus. As séries de episódios que narram à história de Jesus demonstram-no numa atitude severamente contrária a imposição dos grilhões impostos por Roma.

Jesus teve uma fala frontal ao Império Romano e tentou implodir esse império com uma revolução pacífica, pois almeja a autonomia de sua terra e libertação de seu povo.

Ainda que existisse uma mensagem de acalento ao espírito humano, havia profunda preocupação no discurso de Jesus que valorizava o homem dentro de uma dimensão integral, real, pessoal e existencial, que sinalizava para seu tempo novos ares de justiça, paz e liberdade.

Os judeus e galileus foram ferozes em suas resistências contra o domínio imperial romano. A principal razão desse espírito de defesa deu-se pela tradição israelita.

Com toda probabilidade, os protestos e movimentos populares sobre os quais temos informações escritas representam apenas a ponta do iceberg da resistência popular ao domínio romano. É perfeitamente compreensível que os camponeses, analfabetos, não deixaram registros do seu modo de pensar e agir. E apenas alguns movimentos populares que pareciam representar problemas sérios à ordem estabelecida entraram nos registros dos historiadores antigos, como Josefo. Ainda mais importante, talvez, é que os relatos históricos típicos tendem a concentrar-se apenas em ações notórias de resistência popular (HORSLEY, 2004, p. 59).

Existia um quadro amplo de resistência. Segundo Said, há dois tipos de resistência: a primária, ou física, e a secundária, ou ideológica. A resistência primária se incumbe da defesa do território físico, da luta entre exércitos nativos e invasores. Já a resistência secundária objetiva defender a cultura do povo invadido, buscando manter suas práticas culturais após invasão territorial e a dominação estrangeira (1990, p. 266).

O mal que assola é o império. Os judeus utilizaram uma linguagem apocalíptica para retratar uma realidade vivencial. Inevitavelmente, Satanás e

possessões demoníacas passam a ser instrumentalizados para referir ao Império Romano.

## 8. CONCLUSÃO

O mal foi e é um assunto debatido em todas as épocas e culturas. Como explicar a sua origem? Existem milhares de teorias e não nos cabem julgá-las.

O mal assume novos contornos de entendimento na cultura judaica a partir do contato dos judeus com outros povos.

A concepção judaica referente a figura de Satanás estava concentrada numa relação de subordinação a *Iahweh*, onde esse ser desconhecido e invisível não era considerado independente de Deus, mas servia como instrumento em suas soberanas mãos para disciplinar os homens que não faziam sua vontade e testar a fé de outros, como no caso de Jó. Talvez por esta razão Deus era visto numa proximidade maior, como “andando com o povo e entre o povo”. Porém, esta afinidade com o divino vai ganhando distância à medida que as ideias acerca do mal vão sendo melhor elaboradas (LAZARINO NETO, 2006, p.51).

Dentro das dominações que Israel esteve submetida, a Pérsia teve elevada influência sobre a temática do mal, mediante a sistematização dos demônios. Tem-se uma reconfiguração da percepção, pois há uma cisão do mal como proveniente de Javé.

Assim, nota-se uma evolução histórica da doutrina sobre o mal. A mal passa a ser desvinculado de Javé, ao desvincula-se, torna-se seu opositor direto.

Toda esta conjuntura de conflito fez com que a realidade fosse vista como uma batalha de proporções cósmicas entre judeus fiéis que formavam as forças de Deus e estrangeiros helenistas seguidos por judeus traidores que formavam as forças do mal.

Com sua cruel e ambiciosa dominação, os romanos contribuíram para que os judeus atribuissem ao reino do mal – Satanás e demônios – tudo o que os mantinham numa situação de opressão e sofrimento. Assim, o desejo de libertação de forças opressororas torna-se crescente à medida que o caos vai sendo instalado pelo poder que opõe o cotidiano de uma sociedade já bastante confusa em função das circunstâncias adversas que sempre a rodeia. (*Ibidem*, p.52).

O contexto histórico israelita do Segundo Testamento é um caos. Líderes políticos e religiosos são uma extensão da dominação romana. A taxa de impostos é absurda. O número de mortes é crescente. Tem-se um cenário para expressar toda essa indignação de forma simbólica e metafórica utilizando uma mensagem apocalíptica para expor a indignação contra os dominadores. Aqui, o mal se manifesta por Satanás [oppositor e adversário].

Para o judeu desse contexto é difícil assimilar o mal como proveniente de Javé. Nesse momento, estabelece-se bases conceituais dogmáticas, agora se tem

um duelo cósmico entre os representantes do cosmos: Satanás e Jesus. A igreja sustenta um discurso opositivo e dogmático entre esses personagens. Apesar de em várias narrativas bíblicas salientarem essa disputa, criando elevadas tensões, o destino de Satanás e de seus seguidores está descrito – a morada eterna no inferno.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Esperança**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: as origens das orenças no opocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CROSSAN, Jhon Dominic. *O Jesus Histórico: A vida de um camponês judeu no Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994
- FOHRER, Georg. História da Religião de Israel. São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2006.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Trad. de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- LAMAS, Maria. *Mitologia Geral: o Mundo dos Deuses e dos Heróis* (vol.V). Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1973.
- LAZARINI NETO, Antonio. *Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos* (Exegese de Mc 1.21-28). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006.
- PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SALGADO, Samuel de Freitas. O mal e suas personificações na literatura judaica: uma contribuição da tradição oficial e popular na formação da bíblia hebraica. Volume IX – Ano 9, março de 2014. (Revista Digital de Estudos em Religião).

Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_9/Samuel%20de%20Freitas%20Salgado.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_9/Samuel%20de%20Freitas%20Salgado.pdf)> Acessado em: 24/05/2015

SCHIAVO, Luigi. O mal e suas representações do mal. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia. *In: Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 19, 2000.